

ENTREVISTA

Frei Betto: “A linguagem é expressão de nossa civilidade ou incivilidade...”

Emerson Cassio Maia Carvalho¹

“Frei Betto, chamo-me Emerson Carvalho, sou graduando do 6º período do Curso de Letras da PUC Minas e, atualmente, desenvolvo uma pesquisa de iniciação científica em que investigo as cartas que o senhor publicou em seus tempos de cárcere. Considero muito rica e inspiradora a experiência do senhor, registrada nesse material que, mais do que suporte de memórias, também pode ser lido como um autêntico documento histórico de um período muito conturbado na história recente de nosso país. Na minha pesquisa, investigo a construção do espaço prisional nessas cartas e, também, a constituição da subjetividade do enunciador construída pelo senhor que se dá a partir desse lugar de enunciação. As perguntas a seguir, então, serão, em sua maioria, referentes a essas cartas, as quais constituem o *corpus* de minha pesquisa que é orientada pela professora Dra. Ivete Walty.

Frei Betto, agradeço de todo coração por ter cedido um pouco de seu tempo e aceitado ser entrevistado.

Um abraço de tamanduá.”

Com essa carta, foi feito o contato com Carlos Alberto Libânio Christo, o Frei Betto. Gentilmente, ele concedeu a seguinte entrevista, ora compartilhada com os leitores da Revista do ICH – momento precioso de perscrutar um ser humano raro!

¹ Graduando em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC CNPq 2018.

Emerson: Durante o período em que ficou preso, a maior parte dele no Presídio Tiradentes, o senhor produziu um volume expressivo de cartas, que foram remetidas a familiares, amigos e membros eclesiais. Em 1969, o senhor foi detido pelo envolvimento com a Aliança Libertadora Nacional, a ALN, e seu primeiro livro que reúne as suas cartas do cárcere, **Das catacumbas**, foi publicado em 1971, na Itália. Como se deu a ideia e planejamento desse livro que logo frutificaria em outros?

Frei Betto: A ideia do livro não partiu de mim, e sim de duas religiosas: a brasileira Maria Valéria Vasconcelos Rezende, hoje uma romancista consagrada, e a italiana Linda Bimbi, que havia morado no Brasil. Valéria recolheu cópias de minhas cartas junto aos destinatários, enviou-as a Linda, na Itália, que as traduziu, e esta, que tinha contatos com a grande editora Mondadori, conseguiu que, em 1971, a coletânea de cartas fosse publicada com o título **Nos subterrâneos da história**. O livro virou *best-seller* na Itália e logo foi traduzido para diversos idiomas, como sueco, francês, holandês, inglês, alemão e espanhol.

Hoje, todas as cartas que escrevi nos quatro anos de prisão (1969-1973) estão reunidas em **Cartas da Prisão** (Companhia das Letras, 2017).

Emerson: Com a obra **Das catacumbas** sendo publicada fora do país, houve algum tipo de recepção por parte de veículos da imprensa brasileira, ou mesmo de outras instituições, sobre o fato de um frade preso político fazer sua voz ser ouvida em outro continente?

Frei Betto: Sim, o livro com minhas cartas foi o primeiro de um preso político da ditadura militar iniciada com o golpe de 1964. Como mereceu tradução e edição em diversos idiomas, isso ajudou a denunciar o caráter criminoso do regime militar que governava o Brasil. Em seguida, outros livros meus sobre o mesmo período de crueldade e violação dos direitos humanos foram publicados: **Batismo de sangue**; **Dia de Ângelo** (romance); e **Diário de Fernando - nos cárceres da ditadura militar brasileira**.

As cartas de prisão foram lidas pelo papa Paulo VI, que nos manifestou apoio e solidariedade.

Emerson: A obra **Das catacumbas** foi primeiramente publicada na Itália, em 1971, quando o senhor ainda estava em confinamento, sob o título de *Nei sotterranei della storia*. Na edição brasileira, as cartas iniciam-se em dezembro de 1969 e terminam em dezembro de 1971, em que o senhor anuncia, com felicidade, a publicação de suas cartas em território italiano. Essas cartas, em solo brasileiro, foram publicadas apenas em 1978. Já as cartas reunidas em **Cartas da prisão** compreendem o período seguinte em que o senhor esteve preso, de fevereiro de 1972 a setembro de 1973, e foram publicadas, no Brasil, em 1977. Por que, em nosso país, houve a publicação deste último livro antes do primeiro?

Frei Betto: A primeira edição de **Cartas da prisão**, lançada pela Civilização Brasileira, e que reúne as cartas dos meus dois últimos anos de cárcere (1972-1973), foi lançada em 1974. E **Das Catacumbas**, com as cartas de 1969 a 1971, pela mesma editora, em 1976. Há ainda um terceiro volume de cartas da prisão, **O canto na fogueira**, lançado pela Vozes, que reúne cartas de frei Fernando de Brito, Ivo Lesbaupin e minhas. Nós três ficamos presos juntos os quatro anos.

Emerson: Alguns anos depois que se viu liberto da prisão, o senhor publicou, em colaboração com os dominicanos Fernando e Ivo, o livro **O canto na fogueira**, de 1977, reunindo outras cartas que abrangem, dessa vez, todo o seu período de confinamento, isto é, de 1969 a 1973. Como foi a ideia para a publicação da obra? Enquanto estiveram presos, ocupando a mesma cela, já haviam discutido essa ideia?

Frei Betto: Sim, decidimos isso antes de deixar a prisão. **O canto na fogueira** reúne nossas cartas de caráter religioso.

Emerson: Notei que algumas cartas presentes em **Cartas da prisão** também aparecem em **O canto na fogueira**. Algumas delas, no entanto, possuem pequenas diferenças de ordem linguística. Isso se deu devido a um tratamento editorial realizado?

Frei Betto: Sim.

Emerson: Em carta datada de 16/02/1969 o senhor diz que “a máquina publicitária da classe dominante o transformou em quente”, se referindo ao fato de que aqueles chamados frios poderiam ser soltos com a ausência de elementos comprobatórios para suas prisões. Na carta de 13/12/1969, o senhor diz que não é perigoso como a mídia menciona. A mesma crítica ao chamado 4º poder, isto é, a mídia, ainda é vista na carta do dia 20/05/1970, em que o senhor, na época aguardando a conclusão de seu inquérito pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), já esperava por uma campanha difamatória por parte dos jornais. Atualmente, qual a visão que o senhor possui da mídia? Como se relaciona com ela? Participa da opinião de que, inescrupulosamente, tem sido fundamental para condenações antecipadas e o controle das opiniões coletivas?

Frei Betto: Não há mídia neutra. Todo veículo midiático, em mãos privadas, tem a sua preferência política e ideológica. No entanto, não sou daqueles que rechaçam por inteiro um veículo de mídia. Todos têm as suas contradições. E atualmente sou colunista de **O Globo** e colaboro com vários outros jornais. Com frequência, os grandes jornais brasileiros publicam entrevistas minhas. Porém, defendo a democratização dos meios de comunicação.

Emerson: Há algumas cartas com trechos riscados pela censura do presídio. O conteúdo apagado era de denúncia mais acentuada feita pelo senhor e que poderia ser potencialmente prejudicial à imagem do presídio e, por extensão, ao próprio regime militar?

Frei Betto: Como consta nas cartas, fiquei dois anos como preso político e dois como preso comum. Nesta última etapa, as cartas eram censuradas e trechos riscados pela censura. Contudo, muitas cartas saíram clandestinamente dos cárceres, conforme detalho em **Diário de Fernando** (Rocco).

Emerson: Em carta a um amigo, datada de 28/06/1970, o senhor questiona com veemência quando a Igreja irá finalmente intervir contra as injustiças ocorridas naquele tempo. Como o senhor mesmo explica, em algumas de suas cartas e também em **Batismo de sangue**, sabe-se que a participação da Igreja Católica brasileira, no que envolve a ditadura civil-militar, se deu de dois modos contraditórios: apoio à ditadura e

defesa de militantes (em figuras como a de Paulo Evaristo Arns). Comparada à sua forte atuação de luta no auge do regime militar, como o senhor vê a participação do episcopado brasileiro no contexto sócio-político atual?

Frei Betto: O atual episcopado brasileiro não possui o profetismo do episcopado das décadas de 1970-1990. Os atuais bispos são comedidos, quando não omissos, quando se trata da defesa de vítimas da repressão e dos direitos humanos. Em relação à execução de Marielle, houve apenas uma nota tímida do regional sul I da CNBB² e assim mesmo assinada pela "assessoria de imprensa"... Porém, na Assembleia da CNBB, encerrada esta semana, houve enfática defesa dos direitos dos povos indígenas e críticas à omissão do governo Temer.

Emerson: Na carta datada do dia 07/08/1970, o senhor assim escreve a respeito de sua prisão: “a minha deve expirar na passagem do século, quando então os presídios serão (?) peças de museus”. Desconsiderando uma possível marcação irônica, o senhor acredita que isso um dia ocorrerá?

Frei Betto: Sim, o encarceramento equivale à internação de pessoas consideradas "loucas". Há outras maneiras de cercear a liberdade daqueles que representam ameaça à sociedade e exigir o cumprimento de penas, como trabalho social etc. Espero, sim, que um dia as prisões virem museus ou memoriais, como o antigo DEOPS [DOPS] de São Paulo, hoje Memorial da Resistência.

Emerson: Na carta datada de 29/11/1970, o senhor responde a um padre carmelita que possui certa dificuldade em se comunicar com os mais pobres. O senhor diz que isso é culpa dele mesmo, pois se esqueceu do extrato social de que teria vindo. Com efeito, é somente por meio da linguagem que nos fazemos ouvir, ser vistos e, por conseguinte, alcançamos o outro. Penso que essa consciência deveria ser apreendida, não somente pelo supracitado padre carmelita interlocutor da carta, mas por todos nós. Então, qual a função que o senhor atribuiria para a linguagem nos dias atuais, marcados pela pulverização das instituições e ódio exacerbado nas relações sociais?

² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Frei Betto: A linguagem é expressão de nossa civilidade ou incivilidade... Quando uma nação carece de educação para a cidadania, não me surpreende que as palavras sejam substituídas por sons guturais... A pulverização das instituições esgarça a nossa civilidade. Isso, somado à democratização da liberdade de opinião, graças às novas tecnologias, faz com que as redes digitais se transformem em tribunas privadas de diatribes e ofensas.

Emerson: O cárcere foi um lugar de horror para o senhor, que sofreu muitas privações, mas também parece ter sido um lugar de aprendizado. A própria Tereza me parece um mecanismo genial em que o senhor e seus companheiros “fizeram do limão uma limonada”. O senhor também se envolveu intensamente com o artesanato para ajudar as famílias dos presos mais pobres. E, ao longo de minha leitura das cartas iniciais de **Das catacumbas** até as finais de **Cartas da prisão**, percebi também que parece ter passado por uma rica evolução teológica, que fez mudar seu olhar para o outro, em uma intensa relação de alteridade. Como a experiência na prisão afetou sua maneira de professar sua fé e, sobretudo, ajudar os outros em sua caminhada teológica?

Frei Betto: A prisão representou para mim um longo e intenso retiro espiritual. Desci aos infernos... Ressuscitei com outra visão do ser humano e do mundo. O que vale na vida é imprimir a ela senso de solidariedade libertadora. O resto é o resto...

Emerson: Trabalho como voluntário em um projeto de extensão universitária, chamado Pelas Letras!, em que desenvolvo oficinas de leitura e escrita na Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC-Santa Luzia). Lá, alguns dos recuperandos escrevem diariamente em cadernos sobre suas vivências ali. Alguns relatos que pude ler me lembram de um jovem frei Betto descrevendo seus dias no cárcere. O que o senhor diria para esses recuperandos que veem na escrita uma das possibilidades de liberdade daquele meio em que se inserem?

Frei Betto: Escrever é uma atividade terapêutica. Fiz oficinas deste tipo nas penitenciárias de Bangu (Rio) e Neves (MG). Hélio Pellegrino, psicanalista e meu amigo, me dizia que a pratiquei verdadeira epistolaterapia... De fato, a escrita ajudou a organizar a minha subjetividade e me salvou, junto com a oração meditativa, da loucura.